

Mulheres “emocionadas”: gênero, emoções e poder na negociação dos relacionamentos amorosos

Clara Calazans Espindola

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UERJ



Mulheres “emocionadas”: gênero, emoções e poder na negociação dos relacionamentos amorosos. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. (Rio J.) (42), 2026.

O paradigma da responsabilidade afetiva e o início dos relacionamentos amorosos entre jovens. Dissertação de mestrado. 2024.

43 pessoas entre 19 e 31 anos, de camadas médias urbanas e escolarizadas.

Foco nas experiências cisheterossexuais.

Ethos igualitário - compromisso com a desconstrução de estereótipos de gênero.

Atenção às expectativas compartilhadas sobre o desenrolar “natural” dos relacionamentos
- “**script do engajamento amoroso**” (Gagnon e Simon 2005; Bogle, 2008)

Período de indefinição: o casal está saindo, mas o formato e o horizonte do vínculo está indefinido.

Imperativo do autocontrole: o ideal é “ir com calma”, não se entregar rapidamente. Observar o comportamento do outro e agir de acordo. Eles relatam um trabalho emocional (Hochschild 1979) constante para adequar seus sentimentos a essas normas.

Através do imperativo de autocontrole, esses jovens tentam moldar suas emoções e a forma como as demonstram para não serem vistos como “**emocionados**”.

Emocionado = aquele se entregou “rápido demais”, demonstrando sentimentos com mais intensidade do que o parceiro.

A demonstração de interesse ou desinteresse, no imaginário cultural ocidental, é **generificada**, ou seja, associada ao comportamento esperado de homens e mulheres.

Espera-se que as mulheres, com sua proximidade “natural” com a vida emocional e seu desejo de vinculação, almejem mais o **compromisso** do que os homens, que são “naturalmente” distantes.

Essa crença reproduz, portanto, nosso imaginário sobre a forma como homens e mulheres diferenciam-se em sua vida emocional (Lutz, 1998).

Os entrevistados diziam que “mesmo que” às vezes o homem possa estar mais interessado em definir a relação em termos de compromisso do que a mulher, “geralmente” ocorre o contrário. Essa percepção era frequentemente articulada até mesmo quando os entrevistados haviam vivenciado situações opostas, ou seja, nos casos em que o mais interessado era o homem.

Do que eu observo, eu acho que nós mulheres somos mais sentimentais na grande maioria. Apesar da gente querer mais ter um relacionamento sério, a gente acaba esperando a iniciativa do homem, porque a princípio o homem faz mais o tipo pegador e mulher faz o tipo romântica e namoradeira. Então para tirar o homem do estereótipo namorador e ficar só com uma mulher, sem parecer ser chata, de estar querendo cobrar o cara de alguma coisa, eu acho que a gente quer antes, mas espera o cara dar a iniciativa.

(Luísa, 25, mulher cis, branca, heterossexual)

Apesar de que homens e mulheres se comportam muitas vezes de formas parecidas — se revezando na posição de quem está mais disponível emocionalmente e está mais interessado em um compromisso sério —, a existência de estereótipos de gênero faz com que cada um tenha que lidar com enquadramentos específicos que recaem sobre suas ações, em referência aos quais devem posicionar-se simbolicamente quando estão se relacionando.

Mesmo quando esses jovens não vivenciam situações exemplares desse padrão, a crença na existência do padrão influencia sua visão de mundo.

As mulheres, por serem culturalmente imaginadas como mais propensas à disponibilidade emocional, estão em desvantagem em relação aos homens porque a evidência (ou pressuposição) do seu interesse na relação as desvaloriza no jogo do princípio do menor interesse.

Eu queria um relacionamento sério, mas não queria pagar de emocionada [risos]. Tipo: “nossa, tadinha, tá procurando relacionamento sério em aplicativo”. Tinha a opção de colocar [no perfil do aplicativo de encontros] que queria relacionamento sério, ou só algo casual, ou que não tinha isso definido. E eu botei essa do “se rolar, rolou”. Mas na verdade não era bem isso que eu queria [risos]
(Paula, 19, parda, heterossexual).

Se há a crença de que as mulheres são mais disponíveis emocionalmente — mesmo que nem sempre seja o caso na prática —, há um excesso de oferta de pessoas dispostas a estabelecerem uma relação, do ponto de vista dos homens heterossexuais.

Se uma mulher explicita seu interesse em um relacionamento sério, isso parece trazer o risco de ser vista como desinteressante, por manifestar um “excesso de disponibilidade”, “carência” ou “desespero”.

A oposição entre emoção e razão e a atribuição de uma maior emocionalidade a certos grupos vem sendo uma forma de estigmatizá-los (Lutz, 1998). Nessa etnopsicologia ocidental, as emoções, assim como as próprias mulheres, são vistas como próximas à natureza, irracionais e caóticas. **O controle sobre as emoções significa poder, e historicamente, está associado à masculinidade.**

O uso exacerbado da retórica do autocontrole pelas mulheres, na perspectiva de Lutz (1990), parece ser uma tentativa de contrariar a desvalorização do feminino que ocorre através de sua associação a comportamentos dominados pelas emoções.

Na superfície há uma relação igualitária entre homens e mulheres, em um contexto de liberdade sexual - ambos podem estar saindo com outras pessoas, ambos estão trocando sinais de engajamento, construindo confiança e um clima de previsibilidade ao redor da relação, e avaliando se querem assumir um compromisso.

Mas na hora de negociar abertamente o formato e o status do relacionamento, eles costumam estar em posições diferentes.

Como se acredita que a mulher é a parte mais interessada no compromisso, cabe a ela **puxar o assunto** sobre sentimentos e sobre a relação, mas cabe ao homem dar a **cartada final** e pedi-la em namoro.

Entre os meus amigos mais próximos, (...) na maioria das vezes são (...) as parceiras deles, que começam a pressionar, (...) começam a botar as cartas na mesa e querer saber em que status eles estão né? [...] Só que ao mesmo tempo eu não acho que os homens [...] se sintam pressionados a ceder, sabe? Eu acho que é só questão da iniciativa delas que faz com que eles comecem a conversar sobre, mas não é questão de tipo: “ah, já aquela pediu vou ter que...”. (Pedro, 26, homem cis, branco, heterossexual).

Pelo menos no meu círculo social, rolava muito de: “ah, tô gostando dele, mas vamos ver no que dá”. Mas esse “vamos ver no que dá” significa “vamos ver o que ele vai trazer”, sabe? Deixando a responsabilidade na mão do cara. Tipo: “vamos ver se ele tá afim. Porque eu tô afim, mas não vou falar”. Eu não lembro de nenhum amigo homem ter falado: “tô gostando da menina, mas vamos ver o que ela vai fazer com isso, pra onde ela vai guiar isso aí...” (Olívia, 25, mulher cis, branca, heterossexual).

Na hora de negociar a evolução do relacionamento, as mulheres dão dicas, criam situações para que o assunto venha à tona, mas esperam que os homens o abordem diretamente.

As mulheres manifestam:

- 1) um receio de serem desvalorizadas por evidenciarem seu interesse e
- 2) um receio de serem vistas como insuficientemente independentes, “mulheres que não sabem ficar sozinhas”, e serem estigmatizadas a partir de um **estereótipo negativo de feminilidade**.

Há uma transposição das relações de poder e dos estereótipos de gênero para esse script através da linguagem aparentemente igualitária da autonomia e independência.

A figura da “mulher emocionada” como uma imagem de controle (Collins 2019).

Abafa a heterogeneidade dos estilos relacionais e emocionais das mulheres reais, colocando-as em uma posição desvantajosa no encontro heterossexual.

Exerce um controle sobre o comportamento tanto das mulheres de fato enquadradas como “emocionadas”, quanto daquelas que buscam afastar-se do estereótipo.

O resultado é que, mesmo em relações entre jovens que compartilham um discurso igualitário, os homens tendem a exercer um poder maior sobre a intensidade e o horizonte da relação.

na era da ficada, não é o poder da iniciativa, mas a habilidade para conseguir, afinal, o que eles querem, que demonstra a continuidade da dominação masculina. (...) As mulheres sentem, sobretudo, que os homens têm o poder de decidir se uma ficada se transformará em um “estamos saindo” ou “estamos juntos”.

Bogle (2008, 173, tradução livre)

os arranjos de gênero são fontes de injustiça e opressão, mas também fontes de prazer, reconhecimento e identidade. (Connell, 2009)

há uma variação do pedido de namoro que parece ser usada somente pelas mulheres — é o “**pedido para ser pedida em namoro**”.

É uma situação em que o homem considera óbvio que já está namorando, mas a mulher deseja um momento de definição explícita da relação, através do **ritual heterossexual típico do pedido de namoro**. Ela solicita ao homem que desempenhe seu papel de gênero tradicional, para que ela também possa desempenhar o seu.

Erotização das relações de gênero.